

Imprensa: títulos

Experiência textual da artista e pesquisadora
Letícia Cobra Lima com os títulos jornalísticos das
reportagens publicadas na imprensa sobre a 33ª
Bienal de São Paulo

Versão 1

A Fundação Bienal comemora. O papel do curador está deliberadamente reduzido, universos díspares podem entrar em colisão. O curador costumava ser o todo-poderoso: “Não faço nenhum favor a ninguém se trouxer um americano famoso”. Tudo indica que o espanhol que já esteve à frente da Bienal do Mercosul parece estar desenhando uma exposição com pegada política talvez um tanto sutil para os tempos de banguê-banguê em que vivemos, mas com sensibilidade bem a florada. Ainda sem tema definido e intitulada “Afinidades Afetivas” a 33ª Bienal de São Paulo é o antiFacebook. O título é apenas uma sugestão, já que o curador decidiu fugir de um formato tradicional que abriga todo o evento sob um guarda-chuva temático. Se fala muito numa crise nas bienais, está se gerando um cansaço. A mostra tenta se renovar, a ideia não é nova. Em décadas passadas, parte do quebra-cabeça consistia em atrair artistas estrelados do mercado internacional, hoje compensará ‘esquecidos’ da arte latina em uma edição sem temática. Esta que é uma das mostras de arte mais importantes do mundo encontra ressonância não apenas na vocação própria da instituição mas também no desafio de se manter contemporânea em pleno século 21. A equipe de Pérez-Barreiro não é composta por profissionais especializados em curadoria, mas sim por sete artistas. Tudo será feito a partir de um “sistema operacional” alternativo. “Se você quer ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”. O provérbio angolano nunca foi tão atual. Nada, no entanto, é certeza absoluta. Na contramão das 32 edições passadas, presença, atenção e influência do meio. São Paulo receberá mais de 900.000 fãs da cultura em sua 33ª Bienal, a segunda mais antiga bienal de arte do mundo, depois de Veneza. Tomara que eles estejam com fome.